

As novas ameaças da ordem pós-guerra fria e a história do narcotráfico na América do Sul.

ANDREA RANGEL RIBEIRO ¹

A leitura sobre o sistema internacional que predominava durante a Guerra Fria estava fundamentada no Estado Nacional como ator central do sistema internacional. Entretanto, desde o final dos anos 1960, a agenda política internacional tem se diversificado com o surgimento de novos atores não estatais. Alguns autores falam de uma nova agenda de segurança internacional que tem como marco dois eventos: o cenário Pós-Guerra Fria e os atentados de 11 de setembro de 2001. De acordo com Joseph Nye (2002), esse contexto marcado pela globalização, pela interdependência e pela era da informação levou ao questionamento de premissas consideradas inquestionáveis pela teoria realista, que dominava o debate teórico de Relações Internacionais (RI).

Anthony Giddens (1991) relaciona a globalização à intensificação das relações sociais em escala mundial, conectando a realidade local de diferentes grupos sociais em todo o mundo. A globalização complexificou a configuração do sistema internacional, o que exigiu novos esforços teóricos por parte dos scholars de RI.

A agenda da segurança internacional se diversificou. As guerras de quarta geração são vivenciadas em várias localidades do mundo. O cenário internacional contemporâneo é marcado por uma intensificação de conflitos, entre Estados Nacionais e no interior dos mesmos, de natureza religiosa, étnica e cultural. A destruição ambiental começa a ser percebida como um problema global e não particular de cada Estado. O terrorismo começa a ser interpretado da mesma forma. Atores não estatais como empresas transnacionais, instituições financeiras, organizações não governamentais (ONGs), organizações intergovernamentais (OIGs), diversos tipos de instituições sociais e inclusive indivíduos têm uma participação ativa neste cenário. Os

¹ Pesquisadora Visitante (PV) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense, bolsista da FAPERJ e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Estados Nacionais parecem compartilhar seu lugar na arena internacional com outros atores, ainda que mantenham sua soberania.

A globalização favorece a construção de novas formas de interação social em escala internacional entre diferentes agentes. A revolução da informação e o desenvolvimento tecnológico são grandes facilitadores do processo de integração que parece tornar o mundo cada vez mais interdependente. Há um conhecimento maior do que acontece em outros locais do planeta e diferentes grupos e instituições sociais conseguem se organizar melhor em escala global. O tráfico de drogas não foge a esta regra.

O narcotráfico não se traduz em uma estrutura organizada com normas claras e definidas, conforme a imagem veiculada pela mídia de um “estado paralelo”. Há muitos conflitos entre diferentes facções do crime e flutuações em sua suposta estrutura. Entretanto, ainda que de forma desorganizada, o narcotráfico se mantém e se fortalece através de vínculos com diferentes agentes nacionais e internacionais. O processo de globalização facilita sua manutenção, expansão e seu faturamento.

A globalização e o narcotráfico

As atividades ligadas ao narcotráfico crescem a cada ano, interligando práticas ilícitas de diversos tipos como, o tráfico de armas, de crianças, de escravos, de mulheres, de órgãos humanos e a biopirataria. O entrelaçamento entre atividades ilegais favorece a camuflagem da lavagem dinheiro, que ocorre principalmente através do investimento no mercado financeiro.

Muitas pessoas envolvidas com o tráfico têm utilizado a lavagem de dinheiro para disfarçar a origem ilegal do ganho arrecadado. Os avanços tecnológicos e a financeirização da economia favorecem o avanço do narcotráfico. A diversidade de serviços oferecidos pelo mercado financeiro, seu caráter especulativo e seu processo de abertura e desregulamentação estimulam esta prática.

A rede internacional do tráfico de drogas movimenta aproximadamente 500 bilhões de dólares por ano, sendo o segundo negócio mais rentável do mundo. O

primeiro é o comércio de armamentos. Há dois centros principais de produção de drogas no mundo. O Triângulo do Ouro no Sudeste Asiático, região que abrange Mianmar, Laos e Tailândia, produz heroína e ópio. A Amazônia Internacional, que inclui Peru, Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, produz a maior parte da cocaína consumida no mundo (REGO, 2010).

No Rio de Janeiro, ponto estratégico da rota internacional do tráfico de drogas, elas estão disponíveis para a venda em aproximadamente 600 de seus 1020 morros. Estima-se que 16.300 pessoas trabalhem para o tráfico na cidade. De acordo com dados da Secretaria de Estado da Fazenda do Rio de Janeiro, a venda destes produtos proporciona uma receita aproximada de 630 milhões de reais. O lucro está em torno de 240 milhões, devido ao custo excessivo do tráfico. Este comércio é controlado por quatro grandes traficantes e por três grandes facções do crime: o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando e os Amigos dos Amigos (ADA).² A facção mais tradicional e dominante é o CV que comanda cerca de 300 localidades. Em seguida, vem a ADA que domina 250. Por último, há o Terceiro Comando responsável pelo negócio em cerca de 50 áreas.³

A rota das drogas até a cidade do Rio de Janeiro atravessa países vizinhos da América do Sul. Grande parte do crack e da cocaína vem da Bolívia, do Peru e da Colômbia, enquanto que da maconha vem do Paraguai. As drogas entram pelo Brasil através de diversas cidades fronteiriças desde a Floresta Amazônica até o sul do país.

A análise da dimensão do tráfico de drogas no Brasil nos remete a questões e problemas graves que dizem respeito às Relações Internacionais e aos Estudos Estratégicos. O narcotráfico opera na América do Sul desrespeitando a soberania dos Estados Nacionais. Cria conflitos diplomáticos, além de gerar polêmicas e ameaças à paz na região. Ele ainda é utilizado como pretexto para a intervenção militar americana na América do Sul, que ocorre a partir da implementação do Plano Colômbia.

A preocupação com o narcotráfico neste início de século XXI é grande. Thiago Rodrigues (2003) declara que a ele são atribuídos diversos problemas que vão desde a violência urbana até a formação de organizações criminosas internacionais. Os

² Os quatro grandes traficantes são: o Nem da Rocinha, o Pezão, o FB e o Matemático.

³ Traduzir a dimensão do narcotráfico em números é uma tarefa delicada, dada a dificuldade de encontrar dados e estatísticas confiáveis e atualizados sobre o assunto. Estes dados são da reportagem de Sofia Cerqueira “Da Tonelada ao Papelote” na Revista *Veja Rio* de 25/06/2010 (p.16-24).

discursos governamentais, a mídia e a opinião pública responsabilizam-no por muitos males que afligem as sociedades contemporâneas. A inquietação causada por esta prática proibida é intensa porque ela se apresenta como um inimigo sem rosto e uma força potente, difusa e difícil de ser localizada, argumenta o autor.⁴

Rodrigues (idem) afirma que a proibição das drogas e o narcotráfico conformam espaços de luta que se desenvolvem em diversos planos. Trata-se de um conflito não tradicional que envolve Estados, empresas, traficantes, grupos armados, forças sociais e indivíduos.

Lia Rêgo (2010), ao estudar o crime transfronteiriço na região amazônica, afirma que nesta região o Estado está em combate com interlocutores difusos. Não se trata na região de proteger o Estado contra seus Estados vizinhos, mas contra redes e agentes não estatais que penetram em várias fronteiras, minando a soberania estatal.

De acordo com Ignacio Ramonet (2002), o narcotráfico faz parte das novas ameaças que desafiam o status quo do Estado e sua segurança nacional. Tais ameaças são dinamizadas pelo processo de globalização, originando novos atores nas Relações Internacionais.

O objetivo desta pesquisa é pensar no narcotráfico como um ator importante das RI. A leitura do narcotráfico como agente internacional se justifica pela interferência que ele exerce na condução da política interna dos Estados, nas relações entre os Estados Nacionais e na segurança internacional. Sua relevância do ponto de vista econômico, político e estratégico parece pouco estimada no campo de RI. Há alguns trabalhos importantes sobre a questão no Brasil. Mas, ela ainda é um assunto periférico no métier.

O narcotráfico e a ordem internacional Pós-Guerra Fria no campo das Relações Internacionais.

A ordem internacional Pós-Guerra Fria apresenta certas especificidades e desafios para o campo de RI. A problematização dos conceitos clássicos da disciplina se tornou

⁴ Thiago Rodrigues é professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos (PPGEST) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

necessária. Foi criado um espaço para a crítica e a produção de novas perspectivas teóricas.

Tal mudança é marcada por uma grande variedade de perspectivas de pensamento, abrangendo a teoria crítica, o construtivismo, o pós-modernismo, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e o feminismo. Estas teorias sociais vêm, há certo tempo, adquirindo cada vez mais espaço nas RI. Elas trabalham através da desconstrução de conceitos modernos fundamentais para as teorias clássicas. Alguns autores, como Nogueira e Messari (2005), as denominam de pós-positivistas. As teorias pós-positivistas criticam a suposta pretensão das teorias clássicas em se tornarem verdades científicas, absolutas e atemporais.

O debate clássico de RI estava em torno de duas teorias interpretativas: o realismo e o idealismo (ou liberalismo). Em 1988, Robert Keohane em seu discurso de posse como presidente da International Studies Association (ISA) procurou redefinir os termos do debate, distinguindo entre duas grandes correntes: racionalistas e reflexivistas. Para Keohane, os racionalistas eram representados pelos realistas e liberais, enquanto os reflexivistas pelos pós-modernos, pós-estruturalistas, feministas, teóricos críticos e construtivistas. (NOGUEIRA e MESSARI, idem)

O construtivismo é uma vertente teórica que tem se fortalecido consideravelmente desde o final dos anos 1990 nos Estados Unidos. No Brasil, os trabalhos de orientação construtivista têm adquirido cada vez mais aceitação. Sua proposta surgiu com Nicolas Onuf e Alexander Wendt. Wendt é hoje considerado um dos scholars com maior influência no campo de RI no mundo.

A premissa básica do construtivismo é que vivemos em um mundo socialmente construído pela relação entre agente e estrutura. O construtivismo parte da Sociologia ao trabalhar com o debate agente/estrutura, central nesta disciplina. Anthony Giddens é um sociólogo bastante influente no debate construtivista. Giddens tenta elaborar uma síntese das principais categorias sociológicas na construção de sua teoria social. O autor trabalha com uma síntese teórica que engloba as categorias de indivíduo e sociedade, conciliando premissas da teoria da ação, inspirada em Max Weber, e das teorias dos processos de reprodução social, fundamentadas na sociologia de Émile Durkheim.

De acordo com Giddens, as características estruturais dos sistemas sociais são ao mesmo tempo condição e resultado das ações dos agentes. Sua teoria da estruturação tem como unidade de análise a dualidade da estrutura social. Há aqui uma crítica à concepção racionalista e essencialista de sujeito. O sujeito é uma construção social. Os atores sociais em Giddens são sempre reflexivos e podem alterar seu comportamento a qualquer instante.

O construtivismo dialoga com a interpretação teórica elaborada por Giddens sobre o mundo social, criticando alguns aspectos das diferentes escolas realistas de RI. No que diz respeito ao debate agente/estrutura, o realismo costuma enfatizar a estrutura em detrimento dos agentes. Quanto à concepção de sujeito, em seus primórdios, o realismo trabalhou com uma concepção essencialista de subjetividade.⁵

As teorias clássicas das RI lidavam com conceitos tradicionais pautados numa concepção moderna de sujeito, como Estado Nacional, soberania, unidade territorial, nacionalidade, diplomacia e divisão entre política interna e externa. O contexto internacional Pós-Guerra Fria, as discussões sobre globalização e a construção de paradigmas reflexivistas para se pensar Relações Internacionais introduziram transformações na disciplina.

A desconstrução e a reconstrução de categorias tipicamente modernas de pensamento são as grandes contribuições das teorias reflexivistas, e principalmente do construtivismo para o campo de RI. Uma consequência desta guinada é o diálogo com outras ciências humanas. A interdisciplinaridade é uma contribuição essencial para a compreensão do contexto internacional contemporâneo.

Friedrich Kratochwil em *Constructivism as an approach to interdisciplinary study* (2001) argumenta a favor do uso da interdisciplinaridade na metodologia de pesquisa de RI. O autor aceita a diversidade de perspectivas teóricas construtivistas como parte da complexidade do campo de RI. Alexander Wendt, por exemplo, defende um conhecimento científico em bases positivistas. Outros autores, ao contrário, colocam a centralidade na análise dos discursos e mais especificamente das normas sociais que

⁵ Apesar de ser utilizada a nomenclatura “realismo” neste texto, levamos em consideração que existem diferentes autores e escolas de pensamento de orientação realista. Dentre os autores que têm uma concepção essencialista de sujeito se destaca Hans Morgenthau.

organizam e regem os discursos sociais. Tal perspectiva está bem próxima de disciplinas como a Sociologia e a Antropologia.

Desafios e questões para a pesquisa do narcotráfico.

Compreender o significado social do narcotráfico e seu papel no cenário internacional é um desafio que requer uma problematização teórica e metodológica específica. Há alguns obstáculos a serem enfrentados. Como pesquisar um assunto sobre o qual há poucos dados precisos e oficiais e muitas incertezas? A própria natureza ilegal e fluida da prática do narcotráfico dificulta seu estudo, mas não o inviabiliza. Do ponto de vista das Relações Internacionais, como podemos pensar no narcotráfico como um ator que influencia o meio internacional?

A análise construtivista é uma sugestão interessante para uma investigação acadêmica do narcotráfico no cenário internacional contemporâneo. De acordo com a teoria construtivista de RI, vivemos em um mundo que construímos, no qual somos os principais protagonistas, e que é produto de nossas escolhas. Este fundamento teórico também está presente em outras áreas do conhecimento. Para compreender o narcotráfico, a partir desta premissa, é necessário o diálogo com outras disciplinas que possam trazer contribuições ao debate. As Ciências Sociais, e em particular a Antropologia, é de grande utilidade neste sentido.

A contribuição da Antropologia não implica na elaboração de uma etnografia a partir de um trabalho de campo extenso. Trata-se aqui do estudo de pesquisas antropológicas e sociológicas sobre o tema do narcotráfico e da perspectiva epistemológica distanciada proposta pela Antropologia. Seria o que alguns autores chamam de “olhar antropológico”.

O olhar antropológico significa um estudo distanciado do pesquisador e a ausência do caráter normativo, presente em muitos estudos sobre narcotráfico. Não se trata de um trabalho político de busca de soluções e de críticas ao fenômeno estudado. Para uma melhor compreensão do narcotráfico, é necessário entender a lógica a partir da qual ele opera. Desta forma, podemos entender a semiótica e os sentidos sociais

produzidos pelo tráfico de drogas como um acontecimento social que envolve muitas pessoas de diferentes grupos sociais.

A pesquisa sobre a dinâmica internacional do narcotráfico e sua importância no Brasil e na América do Sul também deve incluir uma análise exaustiva de diversas fontes de pesquisa, já que este tema é interdisciplinar por sua própria natureza. A análise bibliográfica sobre o tema deve abranger diversas áreas de conhecimento como Relações Internacionais, Estudos Estratégicos, Antropologia, Sociologia, Ciência Política e Direito Penal.

A leitura de jornais sobre eventos importantes que marcaram a história do narcotráfico no Brasil e na América do Sul também é fundamental. A pesquisa na internet, incluindo sites de difícil acesso com dados e imagens sobre o tema é outra fonte importante. Para complementar a compreensão da lógica sobre a qual opera o narcotráfico no sistema internacional, é importante analisar romances, biografias, filmes, vídeos e documentários que tratem da temática.

Apesar da busca por diferentes fontes de pesquisa e do diálogo com trabalhos de diversas disciplinas, é necessário enfatizar a importância da perspectiva que orientará o estudo. No caso em questão, a busca será por fontes que levem a informações sobre o narcotráfico referentes ao campo das Relações Internacionais. Neste campo, propomos uma análise construtivista da questão que dialogue com a Antropologia e a Sociologia. Isto significa partir do pressuposto de que o mundo social é construído pelos seus agentes. O que implica em olhar o narcotráfico como uma construção social que tem uma lógica singular e deve ser compreendido a partir de sua própria semiótica.

Referências

ARBEX, J. *Narcotráfico: um jogo de poder nas Américas*. São Paulo: Ed. Moderna, s/d;

BARBÉ, E. *Relaciones internacionales*. Madrid: Tecnos, 2007;

BARBOSA, A. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 1998;

BROUET, O. *Drogues et relations internationales*. Bruxelas: Edition Complexe, 1991 ;

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008;

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2009;

- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009;
- FRIEDMAN, R. *Narcodiplomacy: exporting the US war on drugs*. Londres: Cornell University Press, 1996;
- KEOHANE, R. *Power and governance in a partially globalized world*. London: Routledge, 2002;
- KOPP, P. *A economia da droga*. Bauru: EDUSC, 1998;
- KRATOCHWIL, F. Constructivism as an approach to interdisciplinary study. In: FIERKE, K e JORGENSEN, K. *Constructing international relations: the next generation*. London: M.E. Sharpe, 2001;
- NOGUEIRA, J e MESSARI, N. *Teoria das relações internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005;
- NYE, J. *Compreender os conflitos internacionais*. Lisboa: Gadiva, 2002;
- _____. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Gente, 2010;
- OLIVEIRA, E. *Lavagem de dinheiro do narcotráfico: etapa superior da globalização financeira*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. or. Yves Lesbaupin;
- ONUF, N. Constructivism: a user's manual. In: ONUF, N et alli (org). *International relations in a constructed world*. New York : M.E. Sharpe, 1998;
- PASSETI, E. *Narcotráfico, militarização e legalização*. Revista Direito para Todos. Ano 1, n.2, 1994;
- RAMONET, I. *As guerras do século XXI: novos métodos e novas ameaças*. Cidade do Porto: Campo das Letras, 2002;
- _____. *Geopolítica do caos*. Petrópolis: Vozes, 2001;
- RÊGO, L. *Um estudo comparado entre Brasil e Peru sobre as medidas de segurança para a Amazônia*. Tese de doutorado em História Comparada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. or. Francisco Carlos Teixeira;
- RIBEIRO, A (org). *Narcotráfico e violência no campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000;
- RODRIGUES, T. *Narcotráfico: uma guerra na guerra*. São Paulo: Desatino, 2003;
- _____. Tráfico, guerras e despenalização. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Setembro de 2009. p. 6-7;
- RODRIGUES, T e LABROUSSE, A. *Drogas e guerras*. In: LABROUSSE, A. (org.). *Geopolítica das drogas*. São Paulo: Desatino, 2010. p.7-14;
- WENDT, A. *Theory of international politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999;
- WIGHT, M. *Power politics*. Leicester: Leicester University Press, 1995;
- ZALUAR, A (org.). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. São Paulo: Paz e Terra, 1999;